



“Nossos passos vêm de longe!”

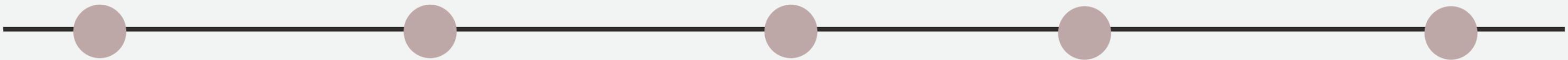
Jurema Werneck, 2010





“E não sou eu uma mulher?”

Discurso proferido por Sojourner Truth em 1851



1970

1982

1981

1984

1989

Toni Cande Bambara
The Black Woman

The Combahee River
*A Black Feminist
Statement*

Angela Davis
*Mulheres, Raça
e Classe*

Audre Lorde
Sister Outsider

Kimberlé Crenshaw
*Demarginalizing the
Intersection of Race and Sex:
A Black Feminist Critique of
Antidiscrimination Doctrine,
Feminist Theory, and Antiracist
Politics*

“a relação das mulheres negras com o movimento feminista se estabelece a partir do **III Encontro Feminista Latino-americano ocorrido em Bertioga em 1985**, de onde emerge a organização atual de mulheres negras com expressão coletiva com o intuito de adquirir visibilidade política no campo feminista. A partir daí, surgem os primeiros Coletivos de Mulheres Negras, época em que aconteceram alguns Encontros Estaduais e Nacionais de mulheres negras.”

(Núbia Moreira, 2006)



1950

Conselho Nacional
de Mulheres Negras/
RJ

1978

Reunima – Reunião de
Mulheres Negras
Aquatume/RJ

1980

Luiza Mahin (MNU)/
RJ

1983

Nzinga –
Coletivo de Mulheres
Negras/RJ

1988

Geledés/SP



Lélia Gonzalez
1935- 1994



Sueli Carneiro
1950



Luiza de Bairros
1953-2016



Conceição Evaristo
1946



Maria Beatriz Nascimento
1942-1995





Jurema Werneck,
líder da Campanha Nacional Contra a
Esterilização de Mulheres Negras,
1990

saúde reprodutiva e o feminismo negro

A população branca corresponde a 55%, a parda a 38%, a negra a 6% e a amarela a 1%. De 1970 para 1980 a população branca reduziu-se de 61% para 55% e a parda aumentou de 29% para 38% [...]. Enquanto a população branca praticamente já se conscientizou da necessidade de controlar a natalidade, principalmente nas classes médias e altas, a negra e a parda elevaram seus índices de expansão em 10 anos, de 29 para 38%. Assim temos, 65 milhões de brancos, 45 milhões de pardos e um milhão de negros. A manter essa tendência no ano 2000 a população parda e negra será de ordem de 60%, portanto muito superior à branca, e eleitoralmente poderá mandar na política e dominar postos chaves. A não ser que façamos como em Washington, capital dos Estados Unidos, que devido ao fato da população negra ser da ordem de 63% não há eleições

documento O censo de 1980 no Brasil e no estado de São Paulo e suas curiosidades e preocupações, publicado em 8 de junho de 1982 e de autoria do economista Benedito Pio da Silva



*"O que o senhor Benedito Pio da Silva propõe como solução nesse relatório é **o controle da natalidade entre negros e pardos, por intermédio do Pró-Família, isto é, esterilizando pessoas dessa cor de pele**"*

por pressão do movimento feminista negro, denúncia
do deputado Luiz Carlos Santos (PMDB-SP)



Lélia Gonzalez
(1935- 1994)

Jornal MNU - Fale um pouco sobre sua trajetória no movimento feminista.

Lélia Gonzalez - No meio do movimento das mulheres brancas, eu sou a criadora de caso, porque elas não conseguiram me cooptar. No interior do movimento havia um discurso estabelecido com relação às mulheres negras, um estereótipo. As mulheres negras são agressivas, são criadoras de caso, não dá para a gente dialogar com elas etc. E eu me enquadrei legal nessa perspectiva aí, porque para elas a mulher negra tinha que ser, antes de tudo, uma feminista de quatro costados, preocupada com as questões que elas estavam colocando. Agora, na própria fala, na postura, no gestual, você verificava que a questão racial era...

AMEFRICANIDADE



Lélia Gonzalez

3. A CATEGORIA DE AMEFRICANIDADE

Os termos “Afro-American” (afroamericano) e “African-American” (africanoamericano) remetem-nos a uma primeira reflexão: a de que só existiriam negros nos Estados Unidos e não em todo o continente. E a uma outra, que aponta para a reprodução inconsciente da posição imperialista dos Estados Unidos, que afirmam ser “A AMÉRICA”. Afinal, o que dizer dos outros países da AMÉRICA do Sul, Central, Insular e do Norte? Por que considerar o Caribe como algo de separado, se foi ali, justamente, que se iniciou a história dessa AMÉRICA? É interessante observar alguém que sai do Brasil, por exemplo, dizer que está indo para “a América”. É que *todos nós*, de qualquer região do continente, efetuamos a mesma reprodução, perpetuamos o imperialismo dos Estados Unidos, chamando seus habitantes de “americanos”. E nós, o que somos, asiáticos?

Quanto a nós, negros, como podemos atingir uma consciência efetiva de nós mesmos, enquanto descendentes de africanos, se permanecemos prisioneiros, “cativos de uma linguagem racista”? Por isso mesmo, em contraposição aos termos supracitados, eu proponho o de *amefricanos* (“*Amefricans*”) para designar a *todos nós* (Gonzalez, 1988c).

As implicações políticas e culturais da categoria de *Amefricanidade* (“*Amefricanity*”) são, de fato, democráticas; exatamente porque o próprio termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, lingüístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: A AMÉRICA e como um todo (Sul, Central, Norte e Insular). Para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria de *Amefricanidade* incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada, isto é, referenciada em modelos como: a Jamaica e o akan, seu modelo dominante; o Brasil e seus modelos yorubá, banto e ewe-fon. Em consequência, ela nos encaminha no sentido da construção de toda uma identidade étnica. Desnecessá-



Lélia conseguiu ver um pouco mais além com a idéia da amefricanidade. Quando ela disse que nós não éramos nem afro-americanos, nem afro-brasileiros, mas nós éramos, ou melhor, somos amefricanos, porque foi desenvolvida uma cultura de reinterpretação nas Américas, partindo das matrizes africanas. Essa reinterpretação criou um novo sentido nessa cultura africana que chegou aqui. Ela deixou de ser africana para ser uma cultura brasileira de matriz africana. (...), estou falando daqui para a África, porque quando eu falo que sou um afro-brasileiro eu estou falando da África para o Brasil. E eu não tenho nenhum parente na África, eu tenho a ver com o Brasil. Lélia conseguiu mostrar isso claramente.

Januário Garcia, fotógrafo e amigo pessoal de Lélia Gonzalez



Maria Beatriz Nascimento
(1942 – 1995)



<https://www.youtube.com/watch?v=DUCoGuHuULY>

Professora pode ter sido morta por racismo

PAULO GRAMADO

FREE-LANCE PARA A FOLHA

A morte da historiadora e professora Maria Beatriz do Nascimento, 52, pode ter sido motivada por racismo, afirmou ontem Ivanir dos Santos, secretário-executivo do Ceap (Centro de Articulação de Populações Marginalizadas).

O corpo de Beatriz, assassinada com cinco tiros no sábado, em Botafogo (zona sul), foi enterrado ontem às 13h, no cemitério São João Batista. Cerca de 300 pessoas, entre amigos e militantes do movimento negro, acompanharam o enterro.

Segundo a polícia, Maria Beatriz foi assassinada pelo preso albergado Jorge Amorim Viana, conhecido por "Danone", que está foragido. Ele teria matado a professora por esta ter aconselhado sua namorada a abandoná-lo, porque "Danone" costumava bater na companheira.

"Toda a comunidade negra está indignada", afirma Ivanir dos Santos. "O problema é que ele não aceitou a ingerência de uma pessoa negra no relacionamento."

A família de Beatriz, no entanto, não acredita em motivação racista para o crime. Isabel do Nascimento, irmã da historiadora, diz que o problema não é o racismo e sim "a impunidade que campeia no país". Ela afirma que não consegue ver o crime isoladamente.

Segundo estatísticas do Ceap, que a pedido da família vai acompanhar as investigações da polícia, este é o quinto assassinato de militantes do movimento negro no Rio em menos de um ano.

Uma reunião de militantes estava programada para ontem, às 19h, para tentar um encontro com o ministro da Justiça, Nelson Jobim, para relatar os casos.



Sueli Carneiro
(1950-)



<https://www.youtube.com/watch?v=PnEa-U4P06E>



Conceição Evaristo
(1950-)

Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

E como estamos hoje?



Bia Ferreira

<https://www.youtube.com/watch?v=QcQlaoHajoM>

E como estamos hoje?



Grada Kilomba

<https://www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w>

E como estamos hoje?



Áurea Carolina



Erica Malunguinho



Talíria Petrone

Apocalipse Queer ou Cuíer A.P. (ou oriki de Shiva)

nós vamos destruir tudo que você ama
e tudo que c chama "amor"
nós vamos destruir

porque c chama "amor à pátria"
o que é racismo
c chama "amor a deus"
o que é fundamentalismo
c chama "amor pela família"
o que é sexismo homofóbico y
c chama transfobia de "amor à natureza"
c chama de "amor pela segurança"
o que é militarismo
y o capitalismo
c chama de "amor pelo trabalho"
o que c chama de "amor à humanidade"
é especismo, y esse seu "amor pela Palavra"
na real é só um caso histórico de má-tradução — que
conveniente, chamar deus de "ele", mas se
liga: nós somos seu apocalipse
cuíer.

y o que c chama de
"amor pela liberdade",
"pela justiça", toda
essa sua ideia de "civilização" é
assassinato, é genocídio,
quer matar tudo que ri, que goza, que dança,
quer matar a gente.

mas a gente vinga
que nem semente daninha:
a gente sobre
vive!

tá vendo? já começou!
sente a pulsação vibrando
o chão: é o beat do nosso coração!
porque a gente, que você amaldiçoa
em nome do seu amor doentio
normativo,
segregador,
a gente que é amante,
a gente é que vive y espalha
amor.



Tatiana
Nascimento

Obrigada :)

Manuela Thamani

manuelathamani@gmail.com

mestranda em Interfaces Sociais da Comunicação, pela ECA-USP, e bacharel em Administração de Empresas pela FEA-USP. Produção acadêmica voltada para o universo de comunicação e educação, a partir de uma perspectiva de gênero, raça, sexualidade e classe.

